

Demolição do bairro Benfica

Novo Jornal
24 de Abril de 2009

Segunda-Feira, 20 de Abril de 2009, Ma de Luanda, Avenida Mortala Mohamed. Eram 16 horas e 15 Minutos. O sol lançava a sua luz amarela-alaranjada Sobre as águas calmas do mar, que convidavam a um Mergulho. No entanto, as pessoas que lá estavam Tinham muito que fazer, ou pelo menos muito em que Pensar. Perguntavam-se umas às outras, incertas: "Como é o Zango?", "Será que lá tem escolas, casas e Discotecas?".

Perguntas que ficavam no ar nas horas de espera ao Longo da estrada da Ma junto à rotunda da peixeira, Zona do "Lelo", que se assemelhou, durante dias e Noites a fio, a um autêntico campo de refugiados Exposto aos olhares de todos os que cruzavam a Ma. Ninguém sabia nada sobre o local para onde seriam Transportadas, senão que era diferente do seu bairro do Benfica, de onde desde sábado mais de 700 fanu1ias Eram consecutivamente levadas para o que alguns Chamaram "o desterro do Zango".

As autoridades apressaram-se em apontar um culpado Da transferência repentina dos moradores: as calemas Que inundaram o musseque no último final de semana. Declarações oficiais que surgiram dois dias depois do Anúncio da requalificação da via principal da ilha, sobre Que a governadora de Luanda avançou que seria dada Uma solução às fanu1ias do bairro Benfica sem avançar, No entanto, que tal "solução" seria aplicada 48 horas Depois. Apanhados de surpresa, os moradores Desconfiam, assim, das calemas enquanto justificação Para a sua transferência: "Tivemos uma reunião há duas Semanas com a administração municipal, que nos disse Que a saída era urgente, mas em nenhum momento nos informou de quando isso ia acontecer", realça um morador. E continua: "Nenhum de nós esperava sair já. É claro que iríamos embora, mas não agora e nestas condições".

Na última quarta-feira, no final do encontro com os moradores para a apresentação do projecto de "Revitalização da Avenida Mortala Mohamed", a administradora da Ingombota, Susana de Meio, voltou a insistir que o Governo apenas agiu em socorro dos moradores sinistrados que, depois das primeiras inundações, contactaram as autoridades clamando por ajuda; "Não obrigámos ninguém a retirar os seus bens de casa", disse a administradora. Agastado com o depoimento da responsável, um cidadão juntou-se aos jornalistas que entrevistavam Susana de Meio e protestou: "Isso é mentira! Como é que vamos permanecer em casa se vocês estão a destruir tudo?" Perante o silêncio da administradora, retirou do bolso uma câmara digital e exibiu um filme que mostrava

casas a serem demolidas. Susana de Meio não reagiu. A CAMINHO DO ZANGO Amontoadas em camiões de diversas marcas e cores, que foram perfilados em frente ao Hotel Panorama (a partir de terça-feira as autoridades disponibilizaram também vinte autocarros de passageiros), as pessoas esperavam pela hora da partida. O tempo passava, a ansiedade era cada vez mais evidente. Finalmente, a Policia ligou a sirene e ordenou que os carros partissem. Eram 16:35. Com os rostos entristecidos e os olhos encharcados de lágrimas, os antigos habitantes do Benfica contemplavam o agora antigo bairro, olhando para trás. "Adeus Ilha!", diziam, acenando para os vizinhos e conhecidos que se encontravam à beira da estrada.

Nos primeiros instantes da viagem, feita num camião da Casa Militar, em que o NJ subiu juntamente com os populares, poucos falavam. Onze pessoas - homens, mulheres, crianças, jovens, adultos - aninhavam-se em cima de uma montanha de pedaços de camas, cestos de cozinha, embrulhos de roupa, colchões, fogões, arcas frigoríficas e todo o tipo de pertences que conseguiram tirar antes da demolição das suas casas.

Nos primeiros instantes da viagem, feita num camião da Casa Militar, em que o NJ subiu juntamente com os populares, poucos falavam. Onze pessoas - homens, mulheres, crianças, jovens, adultos - aninhavam-se em cima de uma montanha de pedaços de camas, cestos de cozinha, embrulhos de roupa, colchões, fogões, arcas frigoríficas e todo o tipo de pertences que conseguiram tirar antes da demolição das suas casas.

Foi assim que chegaram à Marginal de Luanda. Um engarrafamento ligeiro foi prontamente eliminado pela viatura da polícia que fazia a escolta. A caravana de 15 camiões prosseguiu em direcção ao Kinaxixi, passando pela Paróquia de Nazaré. Avançou pela avenida Comandante Valódia, curvou à direita desviando para a Alameda Manuel Van-Dúnem e desembocou no Largo da Independência. Stop, sinal vermelho! Os carros não pararam. Contornaram o Largo da Independência e seguiram pela Deolinda Rodrigues. Eram já 17 horas. Do Largo da Independência à Unidade Operativa, o percurso foi rápido. Depois, tudo parou. A caravana encontrou engarrafamento nos Congolenses. Do alto dos camiões, era possível ver onde acabava a longa fila. Parados aí, no meio da estrada, durante cerca de 10 minutos os antigos moradores do Benfica foram obrigados a suportar todo o tipo de insultos: "Agora vão banhar na areia", disse alguém do meio da multidão, quando se apercebeu que a caravana vinha da Ilha de Luanda. "Não respondas", aconselhou o mais velho Laurindo, cabisbaixo, a um vizinho que respondia

89
às provocações.

A humilhação terminou quando a policia abriu passagem. Às 18:47, os novos habitantes do Zango

chegaram ao local, onde foram recebidos com alegria e aplausos pelos que se haviam adiantado.

No entanto, antigos moradores da zona mostravam-se receosos. "Sempre que vêm novos habitantes acontecem muitos roubos", respondeu Ema, familiar de desalojados da Boavista ali realojada, assustada com o crescente número de pessoas que chegam ao bairro.